AS TRANFORMAÇÕES DA FAMÍLIA E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA AUTORIDADE

Camila Roldão L. Dantas
NEPPEC/FE/UFG
Susie Amâncio G. de Roure
Prof.ª Dr.ª NEPPEC/FE/UFG
Comunicação
Psicologia e Processos Psicossociais

A pesquisa "Concepções de Família e de Autoridade do psicólogo em formação" busca analisar a relação entre as configurações da autoridade familiar e os modos de conformação e resistência da subjetividade na sociedade contemporânea. A pesquisa de caráter longitudinal, em andamento, realizou na primeira etapa uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos de "autoridade" e "família" à luz dos postulados de Adorno e Horkheimer. Posteriormente procedeu-se à análise dos dados empíricos coletados a partir de questionários e Grupo Focal realizado com os sujeitos da pesquisa, os psicólogos em formação. Serão apresentados nessa sessão de comunicação as etapas e procedimentos da pesquisa, bem como os resultados parciais dessa análise, que visou compreender como a autoridade se configura na modernidade, e em particular na família. A partir da tese de que a família está em crise, os teóricos acima referidos buscam mediações necessárias para refletir se é apenas na família, ou expressão particular de uma crise mais ampla. Com a família enfraquecida a formação da subjetividade fica comprometida dando espaço ao narcisismo, a uma racionalidade instrumental e à adesão às práticas irracionalistas e autoritárias, aspectos fundamentais para a reprodução da lógica burguesa. O desenvolvimento da pesquisa evidenciou categorias importantes acerca da temática "Autoridade e Família", como 'formatos de família', 'função paterna', 'identificação' que estão sendo investigadas na etapa atual da pesquisa.

Palavras-chaves: família; autoridade; Teoria Crítica.

O presente artigo vincula-se à pesquisa "Autoridade e Família: perspectivas da formação do sujeito na sociedade contemporânea" coordenada pela Prof.ª Dr.ª Susie Amâncio Gonçalves de Roure e desenvolvida no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Educação e Cultura (NEPPEC – FE - UFG). Tem por objetivo analisar a relação entre as configurações da autoridade familiar e os modos de conformação e resistência da subjetividade em curso na sociedade contemporânea[1].

Em pesquisas anteriores realizadas por pesquisadores do núcleo de pesquisa destacou-se a problemática da freqüente adesão de indivíduos a movimentos, teorias e

[1] Estes projetos estão vinculados à pesquisa "Razão e Des-Razão: as contrafaces do psicólogo em formação" coordenado pela Profª. Drª. Anita Cristina Azevedo Resende e são desenvolvidos no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Educação e Cultura (NEPPEC) da Faculdade de Educação/UFG.

práticas que se sustentam em crenças de caráter místico e religioso e passa pela adesão e afirmação a teorias que guardam registro na exclusão e negação da explicação racional. Segundo Resende (2006), contemporâneas a essa tendência estão as "psicologias populares" que abdicam de "des-cobrir" no indivíduo suas raízes sociais e, além disso, tratam as dificuldades objetivas como se fossem geradas no próprio indivíduo. Desse modo, a pesquisa de caráter longitudinal, em andamento, pretende investigar quais são e como se articulam os processos subjetivos que permitem aos alunos do curso de psicologia vincular ciência, religião e crenças à sua formação teórica e profissional.

Atendo-se à tese freudiana que toma a família como instância primeira de socialização e, portanto, de estruturação psíquica do sujeito, os autores da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, especialmente Adorno e Horkheimer, elegeram a autoridade familiar como importante categoria para a compreensão do processo de internalização das relações de poder. Buscaram compreender como a autoridade se configura nos tempos modernos, e em particular na família, uma vez que a internalização das interdições e estruturação da subjetividade do sujeito acontece, primordialmente, por meio da figuras parentais, segundo os postulados da Psicanálise. Esse fato demonstra a importância dessas categorias para a compreensão da formação da subjetividade no mundo moderno.

A partir da tese de que a família está em crise, estes autores buscam mediações para refletir se esta crise é apenas na família, ou se é uma expressão particular de uma crise mais ampla, ou seja, que as modificações da estrutura familiar são solidárias ao tipo de racionalidade burguesa. Com a família enfraquecida pela realidade social contraditória, a formação da subjetividade fica comprometida dando espaço ao narcisismo, a uma racionalidade instrumental e à adesão às práticas irracionalistas e autoritárias, aspectos fundamentais para a reprodução da lógica burguesa.

E apesar de a família se consolidar em uma lógica diferente do mercado econômico por meio da afetividade, Horkheimer e Adorno ressaltam que a autoridade familiar, principalmente na sociedade burguesa, mantém estreita relação com as formas de manipulação e domínio do sujeito. A família, que antes reprimia os impulsos do sujeito à realidade, oferecia em contrapartida, proteção contra os perigos do mundo aos seus membros. No mundo moderno, as figuras de autoridade converteram-se em instrumentos de coerção e violência. Nessa realidade, a família tem em sua base de formação aspectos autoritários quando se submete à lógica do capital, mas ainda pode ser um espaço de defesa contra os perigos do mundo.

Assim, a família e os processos formativos nela envolvidos ensejam não apenas a inserção social, a identificação e a constituição de valores, normas, ideologias, mas devem, ao mesmo tempo, dar espaço à diferenciação entre seus membros e ao desenvolvimento das possibilidades de resistência à dominação e à barbárie. A partir do estudo teórico, pôde-se apreender a relevância da categoria da autoridade para esse entendimento, uma vez compreendida em suas contradições e desvelados os seus nexos. E como foi apontado em artigos anteriores da pesquisa, não se trata, todavia, de postular uma volta ao autoritarismo da família, tampouco aderir à total ausência da autoridade em nome de uma falsa liberdade, mas sim de compreender os sentidos da ação educativa na constituição da subjetividade.

O início de análise dos questionários e do Grupo Focal que, no caso desta pesquisa, deu-se especial atenção ao modo como os alunos apreendem e compreendem essas mediações evidenciaram categorias importantes acerca da temática "Autoridade e Família", como 'Função Paterna', 'Formatos de Família', 'Identificação' entre outras que, na atual fase da pesquisa, tem sido realizados estudos para que se possa apreende-las teoricamente

para uma melhor compreensão dos dados empíricos. A relevância desta análise se reafirma, corroborada pelos estudos realizados, nos indícios de que essa instituição – família - mesmo reproduzindo a alienação, pode ser um espaço de aglutinação de valores, expressão de afeto, reconhecimento do outro, consciência coletiva e resistência às formas de dominação. No presente artigo será apresentado os resultados teóricos desta análise, pois a tabulação e análise dos dados empíricos são ainda muito primárias e devem ser apresentados nos próximos eventos.

A fim de compreender a relação entre os formatos da autoridade familiar e os modos de conformação e de resistência da subjetividade na sociedade contemporânea, esta pesquisa tem como objetivo identificar as concepções de autoridade e família apresentadas no banco de dados da pesquisa "Razão de dês-razão: as contrafaces do psicólogo em formação". E desse modo compreender as relações entre essas categorias e os sentidos da formação cultural no embate entre autonomia e autoritarismo.

Nesta etapa da pesquisa o recorte foi feito a partir das categorias em evidência nas primeiras etapas de análise dos dados da pesquisa, tendo como objetivo compreendê-las teoricamente por meio de estudos no âmbito da Psicanálise. Pretende-se nos próximos momentos aprofundar a análise dos primeiros Grupos Focais, articulando-a com os dados a serem obtidos em um próximo encontro com os sujeitos da pesquisa.

Em etapas anteriores desenvolvidas na pesquisa, foram elaborados textos de caráter qualitativo a partir dos questionários respondidos pelos sujeitos da pesquisa, o psicólogo em formação[2]. Estes foram divididos em grupos de acordo com a tabulação dos dados e a descrição permitiu apreender especificidades e características de cada grupo. Junto à análise do questionário, procedeu-se a um primeiro exame do Grupo Focal, cuja técnica tinha por objetivo compreender, com base nas discussões temáticas, os processos subjetivos e as representações dos alunos na justificativa da vinculação entre tendências irracionais (religião, crenças e misticismos) e sua formação teórica e profissional.

Os encontros foram transcritos pelos bolsistas e depois toda a equipe de pesquisa realizou leituras do material ligado à sub-área "Autoridade e Família". As falas dos sujeitos foram separadas de acordo com categorias que iam se evidenciando ao longo do processo de análise dos dados empíricos, bem como a discussão teórica junto aos pesquisadores envolvidos. Entre as categorias que se destacaram estão: "Identificação", "Formatos de Família" e "Função Paterna".

O desenvolvimento dessa etapa apontou para a necessidade de compreender teoricamente essas categorias, possibilitando um melhor entendimento dos dados tabulados durante o processo. Foram lidos e discutidos textos de autores da Psicanálise, como o próprio Freud, e alguns comentadores que têm produções peculiares acerca dessas categorias.

Esta etapa permitiu um novo olhar sobre os arquivos do banco de dados da pesquisa e atualmente a equipe tem efetivado uma análise rigorosa dos mesmos. Além disso, os estudos teóricos relativos a esta etapa darão suporte aos pesquisadores na nova fase do Grupo Focal, cujo próximo encontro está previsto para o final de 2009.

A execução deste sub-projeto de pesquisa deu continuidade às investigações sobre as concepções de família e de autoridade do psicólogo em formação. Como foi mencionado

[2] Todos esses dados do questionário e dos Grupos Focais encontram-se arquivados no Banco de dados da pesquisa, localizado no NEPPEC e obedecem às reivindicações do Comitê de Ética.

anteriormente, a primeira etapa realizou estudos teóricos sobre a relação autoridade e família e iniciou a análise dos dados coletados durante esse processo. Esses procedimentos apontaram para a necessidade de investigação de categorias importantes para a compreensão dessa relação, como "Identificação", "Formatos de família" e "Função Paterna". Portanto, neste último ano a equipe de pesquisa realizou estudos teóricos sobre essas categorias para uma melhor visualização dos dados tabulados.

Para as discussões elegeram-se autores do mesmo aporte teórico eleito no início da pesquisa, quais sejam autores de abordagem psicanalítica, bem como as produções elaboradas pela equipe de pesquisa, cujo referencial teórico também tem como base os construtos psicanalíticos. São inúmeras as contribuições da Psicanálise nesse debate, fundamentalmente por ser uma teoria que carrega em seus postulados componentes de tensão, conflito e reciprocidade entre indivíduo e a cultura. Assim, discute a constituição do indivíduo como uma relação recíproca entre a dimensão psíquica e social.

Nos textos considerados culturais, Freud destaca a mediação da cultura para a compreensão do processo de constituição psíquica. Entre esses textos está o Mal estar na civilização, no qual este autor faz uma analogia entre indivíduo e a cultura, comparando a dinâmica do funcionamento psíquico e a constituição e manutenção da civilização.

Nessa perspectiva, ao nascer, o individuo busca a imediata e completa satisfação dos seus instintos, que são em um primeiro momento de origem somática[3]. A impossibilidade de prazer pleno não impede que estes sejam satisfeitos parcial e momentaneamente. Ainda que não consiga de modo efetivo se diferenciar do outro, nesse caso, a mãe, o individuo experimenta a satisfação possível, ainda que incompleta que esse outro pode lhe proporcionar. Isso faz com que paulatinamente o sujeito se movimente para obter não apenas a satisfação orgânica, mas também para experienciar novamente o prazer que a relação com o outro proporcionou.

A atividade psíquica, que na origem era mobilizada pelo puro "princípio de prazer" e pela busca por satisfação completa, tarefa também impossível de ser realizada, vai sendo atravessada pela realidade. A fim de se proteger e se autoconservar, o homem abdica do prazer completo por uma parcela de segurança. O indivíduo se constitui no processo de reconhecimento do outro, diferenciando o eu do não-eu, por meio das relações sociais estabelecidas entre os homens, no controle da natureza e nas leis que regulam essas relações. Nesse processo de diferenciação percebe que é o outro o meio de satisfação possível dos seus desejos, mas é também ao mesmo tempo, impedimento à realização completa das suas pulsões, ou seja, um objeto de frustração para si. A incompletude marca o sujeito, está na sua base de constituição e o seu reconhecimento lhe é a possibilidade de ser.

Assim, o processo civilizatório e a internalização das leis que regulam as relações entre os homens instauram a repressão do desejo,

> (...) inibido em seus objetivos, conformando as escolhas objetais de forma a possibilitar o relacionamento entre os homens. O desejo, de ordem sexual, é reprimido, coibido e se modifica e deve se desenvolver convertido em afeto (BITTAR, 2007, P. 229).

---

[3] Deve-se salientar que tal satisfação envolveria a ausência de frustrações diante das necessidades e demandas do organismo em seu próprio processo de desenvolvimento, em sua relação com o ambiente e com os outros, o que na realidade se mostra um intento impossível. A esse respeito, ver Freud (1978).

As relações sociais marcam as restrições à satisfação pulsional e isso repercute no conflito entre as demandas do indivíduo e as exigências da cultura estão incluídas nesse processo. A cultura impõe restrições às manifestações da sexualidade ao conformar as escolhas dos objetos sexuais, e ainda atua sobre outras tendências, como as que se referem às manifestações da agressividade, que deve ser inibida e controlada para o bem comum.

Nesse processo, um mecanismo torna-se fundamental para a compreensão do processo civilizatório e a constituição do indivíduo: a identificação. Segundo Bittar (2007) "(...) inibição das pulsões e a interdição do desejo mobilizam os processos identificatórios que possibilitam a internalização do outro, condição para os vínculos afetivos e para a estruturação da vida em comum" (p.232). Este mecanismo é fundamental para a estruturação psíquica, principalmente com a emergência do superego, instancia psíquica que representa as restrições morais e desse modo, as exigências e interdições anteriormente externas se instala internamente.

Anteriormente à constituição do superego o individuo obedecia à uma autoridade externa, geralmente os progenitores ou quem os substitua, por medo de perder o seu amor e do desamparo, pois nessa relação estão possibilidades de satisfação possíveis e parciais do desejo interditado. Essa figura que representava proteção e possibilidade de satisfação também era alvo de hostilidade devido às restrições que impunha ao desejo. Nesse sentido, na origem da internalização dos progenitores no Complexo de Édipo está a ambivalência, um sentimento de amor por aquele que o provém e protege e, ao mesmo tempo, a hostilidade devido às interdições impostas. Esse processo de internalização se dá pela incorporação do objeto de amor, mas sempre de modo deformado de acordo com as demandas do sujeito, processos estes que são inconscientes. Essa instancia psíquica, portanto, representa a internalização da repressão por meio da identificação com a autoridade que transforma-se em superego.

O processo iniciado com as primeiras identificações com as figuras de autoridade persiste ao longo da vida do indivíduo e o superego incorpora também os que são eleitos modelos ideais e que ocupam o lugar dos progenitores,ainda que este fato supunha um afastamento dos modelos parentais. A identificação refere-se portanto, à ligações libidinais e assume expressão dos laços emocionais com o outro, deixando que este seja um modelo e passa a ser assimilado internamento por ele. Freud aponta três tipos de identificação:

> (...)primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual (FREUD apud BITTAR, 2007, p. 247).

Na primeira forma de identificação o individuo assimila traços do outro e os internaliza, constituindo-o psiquicamente. Corresponde à forma primeira de laço emocional com um objeto. É o desenvolvimento da libido que mobiliza para a escolha objetal que, num primeiro momento recai sobre pessoas mais próximas, os progenitores que atem ás suas necessidades básicas. Outra forma de identificação pode se apreendida nos destinos da escolha objetal: o próprio ego passa a se converter em objeto amoroso.

> A escolha narcisista nesse processo identificatório diz respeito, portanto, ao

> deslocamento da libido, não para outro objeto, mas para o próprio ego, que substitui o objeto, mecanismo que se impõem à libido quando, frente a obstáculos externos, regressa ao estado narcísico primário (BITTAR, 2007, p. 238).

E a terceira modalidade de identificação refere-se aos grupos, onde se percebe um elemento comum compartilhado por todos os membros e se origina da pulsão sexual desviada de seu objetivo e, portanto, converte-se em laços amorosos.

Para concluir, a identificação é tomada pela Psicanálise como o processo mais primitivo e original do laço emocional com o outro. Tem um papel importante no Complexo de Édipo em que, de modo geral, o indivíduo toma um de seus progenitores como seu ideal e, ao mesmo tempo, começa a desenvolver uma catexia de objeto sexual com o outro progenitor. Esses processos são ambivalentes, ou seja, não há apenas o amor, mas também a hostilidade nesses laços psicologicamente distintos. Freud relata que essa distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego. Assim, no primeiro caso o progenitor é o que o indivíduo gostaria de ser e no segundo ele é o que gostaria de ter. a identificação molda o ego de uma pessoa com base naquele que foi tomado como ideal.

Outra categoria evidenciada no processo da pesquisa foi denominada de "Formatos de família" e a sua investigação teórica consistiu no estudo de textos que relacionam as transformações nos modelos desta instituição e suas repercussões na formação da subjetividade, contemporaneamente. Roudinesco (2003), psicanalista francesa, defende que independente das mudanças culturais que atingem a família, a estrutura de identificação, introjeção e diferenciação permanece no processo de constituição da cultura, bem como na estruturação psíquica dos sujeitos. Nesse sentido, são os modelos familiares que migram e se modificam, mas as funções daqueles que a compõem estão presentes. O que marca o sujeito é a presença ou ausência das interdições e acolhimentos na família

No livro "A família em desordem", Roudinesco (2003) discute as transformações da família privilegiando o estudo das filiações e das gerações, que compreende as continuidades e distorções entre os pais e os filhos, além da transmissão dos saberes e das atitudes herdadas de uma geração à outra. Inicia com a definição conceitual antropológica de família, que remete à união mais ou menos duradoura e socialmente aprovada de um homem, de uma mulher e de seus filhos. Trata-se de um fenômeno universal presente em todos os tipos de sociedade.

Atendo-se ao pensamento de Lévi-Strauss, a autora ressalta que a família se constitui em meio ao modo como se estabelecem os laços matrimoniais e também a partir da proibição do incesto. Ou seja, se de um lado o primado natural induzido pela diferença entre os sexos intervém à constituição da família uma outra ordem de realidade não tem fundamento biológico. Este outro princípio (proibição ao incesto) garante na história da humanidade a passagem da natureza à cultura. É o que diferencia os homens dos outros animais. Essa proibição está ligada a uma função simbólica e, segundo os postulados psicanalíticos representa a proibição em diversos graus de atos incestuosos justamente por estes existirem na realidade.

Nesse sentido, a família pode ser considerada uma instituição humana duplamente universal, ao associar um fato da cultura a um fato da natureza (reprodução biológica). Roudinesco reitera que foi em meio a essas duas grandes ordens (biológico e simbólico) que aconteceram as transformações da instituição familiar, bem como as modificações do olhar para ela voltado ao longo dos séculos.

A emergência da modernidade marcou na família transformações em seus modelos e, nesse ponto, se destaca a valorização da vida privada. A família nuclear, caracterizada pela monogamia, passa a estabelecer entre seus membros relações cada vez mais privatizadas. No entanto, se tal fato evidencia transformações nos modelos familiares, Roudinesco aponta que a família contemporânea tem garantido a reprodução das gerações. Relata experiências dos primeiros países a legalizarem o aborto e as diferentes formas de procriação que a ciência tem descoberto e consentido, e como isso contribuiu para o medo de se ter dado início a um processo que viria a acabar com essa instituição. A psicanalista aponta que a família, baseada no principio da autoridade, ainda que esteja em declínio, é considerada ainda como o único valor seguro. É amada, deseja e sonhada pelos sujeitos e um exemplo de tal fato é o caso de homossexuais (homens e mulheres) reivindicarem o direito ao casamento, à adoção e à procriação assistida. Tais sujeitos, segundo Roudinesco caracterizados culturalmente de "invertidos e perversos" desejam não apenas serem reconhecidos como cidadãos integrais, mas adotarem a ordem familiar que inclusive contribuiu para sua exclusão.

A categoria "Função Paterna" não se refere imediatamente ao progenitor do sexo masculino, mas para a Psicanálise a existência desta função é simbólica e diz respeito à Lei da proibição ao incesto, que repercute nas demais interdições impostas no decorrer do processo civilizatório e segundo Roure (2006) seja na perspectiva da ontogênese ou da filogênese, a história do homem e de suas realizações é determinada pelo enfrentamento da frustração e pela internalização da lei coletiva. Os postulados psicanalíticos apontam que durante o desenvolvimento do indivíduo a sua relação com o pai é marcada pela ambivalência, onde hostilidade e remorso se misturam ao medo da perda de seu amor. O pai interdita o desejo incestuoso do menino em relação à mãe e é, ao mesmo tempo, seu objeto de identificação o que incide na introjeção do seu caráter e apropriação de sua lei por parte do filho.

Essa autoridade internalizada como um mandado moral representa na estrutura psíquica do sujeito o ideal de ego e constitui internamente a repressão aos instintos, como o incesto, cuja intensificação deu origem ao Complexo de Édipo. O conflito edipiano, marcado pela ambivalência em relação ao pai e o desejo do menino em relação à mãe institui a instância psíquica responsável pela consciência moral, além de suportar as frustrações da realidade e o sofrimento que elas impõem. Os elementos que envolvem este processo é a proibição ao incesto e a internalização da lei do pai que incidem na renuncia à gratificação sexual irrestrita do homem e da cultura sendo, portanto, um componente organizador da sociedade, ou seja, marco fundador da ordem civilizatória.

A constituição da cultura na ambivalência com relação à lei do pai demonstra sua relevância, pois para Roure (2006) ainda que redunde na dolorosa interdição do prazer, ela também se torna garantia dos laços sociais e, por decorrência, da própria integridade do individuo. Nesse sentido, ainda que impossibilite ao individuo gratificações plena e imediatas é devido à interdição e ao cumprimento à lei do pai, que o individuo continua pulsando, buscando formas possíveis de sublimação e satisfação parciais. Interdição e renúncia ao desejo irrestrito é o que funda a possibilidade do sujeito se instituir na cultura.

Desse modo o estudo da categoria "Função Paterna" mostrou-se relevante para a compreensão de como se forja a estrutura psíquica do sujeito, assim como os modos como a cultura vem se constituindo ao longo dos tempos, principalmente no mundo moderno.

A partir da incorporação do pai real (a figura paterna) que, na resolução do

> Complexo de Édipo, torna-se o agente interno revestido da função de privação e de proibição em nome da lei, a criança forja para si um pai ideal e digno de ser amado. É, portanto, na justificação desse amor que o individuo estabelece juízos e uma maneira de ser que faça dele alguém capaz, também, de ser aceito e amado na relação com os seus pares (ROURE, 2006, p. 43).

Nas próximas etapas da pesquisa pretende-se aprofundar os estudos dessa categoria junto à análise do banco de dados da pesquisa devido à sua relevância para a compreensão da relação "Autoridade e Família", bem como a formação de mais um Grupo Focal para investigações apontadas ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Pretendeu-se nesta etapa da pesquisa compreender, sem o compromisso de esgotar o debate, as transformações da família e as novas configurações da autoridade.

Sennet (2001), na obra intitulada "Autoridade", remete ao pensamento de Max Weber e Freud naquilo que os dois pensadores se aproximam, segundo seu ponto de vista, no que tange ao debate sobre a autoridade. Descreve que em ambas as perspectivas, os vínculos de autoridade constroem-se a partir de imagens de força e fraqueza e desse fato decorre o que Sennet caracteriza como o medo da autoridade procedente das figuras que dispõem a usar seu controle sobre as pessoas.

Em compensação a análise que faz de Freud, nesse ponto, a ênfase é dada no processo pelo qual as pessoas percebem a força dos outros, independente do conteúdo que as figuras de autoridade representam. As imagens de autoridade são formadas no período da infância e persistem na vida adulta.

A partir da análise desses autores, Sennet (2001) ressalta que o dilema da autoridade no mundo moderno está ancorado neste medo que ela inspira, em os indivíduos se sentirem atraídos por figuras fortes que não crêem serem legitimas. "(...) os poderes formalmente legítimos das instituições dominantes inspiram um forte sentimento de ilegitimidade entre os que estão submetidos a elas (p. 42)".

Nesse sentido, no delineamento das categorias constitutivas da autoridade na família apreendidas nos relatos dos Grupos Focais - a saber, "os formatos de família", "a identificação" e "a função paterna" - alguns aspectos se destacam e devem ser objetos de análise na próxima etapa da pesquisa. Dentre eles, pode-se questionar se as modificações nos papéis e nos formatos da família implicam em recrudescimento ou não das relações de autoridade. E mais, indicam a necessidade de se inquirir como a função paterna, conforme a concepção psicanalítica, se apresenta nessas representações de família. E, por decorrência, como se esboçam os processos de identificação, consubstanciados nessa perspectiva de autoridade ou de negação da autoridade.

Entende-se que as modificações da realidade objetiva transformam e repercutem outras formas de vínculos sociais. Nesse sentido é importante a contribuição de Freud e seus seguidores ao debate que se propõe, compreender as transformações da família e as novas configurações da autoridade, por entenderem no bojo da dinâmica social que essas modificações interferem na constituição psíquica contemporânea, onde o individuo constitui sua subjetividade.

O estudo das categorias "Identificação", "Formatos de família" e "Função Paterna" foi relevante para a compreensão da estruturação psíquica do contexto contemporâneo, bem como deu subsídios para a análise dos dados e as próximas etapas da pesquisa, em que está previsto um novo Grupo Focal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTAR, M. **Cultura e Identificação: a natureza afetivo-libidinal dos laços sociais.** In: Educativa. Goiânia: UCG, 2007. v. 10, n. 2, p. 229-248.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. (1930 [1929]). São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os Pensadores).

RESENDE, A. C. A. e MIRANDA, M. G. **Razão e desrazão: as contrafaces do psicólogo em formação.** Goiânia:UFG, 2006 (Projeto de pesquisa). ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003.

ROURE, S. A. G. **Educação e Autoridade.** Goiânia: UFG, 2006 (Tese de doutorado).

_____. **Autoridade e Família: perspectivas da formação do sujeito na sociedade contemporânea.** Goiânia: UFG, 2006 (Projeto de pesquisa).

SENNET, R. **Autoridade.** Rio de Janeiro: Record, 2001.